



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 340 — Preço 1\$00
16 DE MARÇO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FACETAS DUMA VIDA

Para que não haja nem possam surgir equívocos vinque-mos bem e desde já esta nota: o Padre Américo era Padre-cem por cento. Não vale, porque é falsa e mal intencionada, a insinuação que aflorou aqui ou além de que era, simplesmente e por índole natural, uma pessoa extremamente bondosa, atormentada pelo sofrimento dos pobres como ninguém no seu tempo; aconteceu de envergar uma batina que lhe permitia dizer impunemente coisas duras aos grandes deste mundo; mas os problemas da Igreja e do Reino de Deus não eram contas do seu rosário.

Contra tal tentativa de quase laicização do P.e Améri-

co gritam todas as palavras que saíram da sua boca ou es-correram da sua pena.

Antes de se dar aos pobres dera-se totalmente a Deus e, porque trazia o Evangelho na cabeça e no coração, viu no serviço dos Pobres a maneira mais «sua» de amar a Deus.

Mas nunca na sua consciência profundamente sacerdotal se apagou a palavra evangélica de que o «homem não vive só de pão».

x x x

Aí por volta de 1929 escrevia-me de Coimbra uma carta com palavras de fogo. Sabia que o meu Bispo me tinha encarregado de organizar na Porto, em colaboração com o

Dr. Joaquim Manuel Valente, uma Associação de Estudantes Católicos nos moldes do C. A. D. C. de Coimbra. Quebrou então um silêncio de muitos anos, voltou a aparecer na minha vida para me incitar a que me voltasse de alma e coração à obra em projecto «tão necessária e tanto do agrado de Deus».

Ninguém diga que o apóstolado do Reino de Deus o não interessava.

x x x

Do Brasil escrevia ao D. Abade de Singeverga, seu primo e grande amigo, exortando-o a que não desanimasse da construção do novo mosteiro; que os mosteiros, revigorados, actuais, são uma necessidade gritante dos tempos modernos. E rematava: «Eu vou carrear a minha pedra. É simples: eu arranjo dinheiro, vós fazeis casas para os Pobres, e Deus há-de dar-vos com que fazer a vossa».

Isto era autenticamente interesse pelo Reino de Deus.

x x x

Corriam no Seminário de Vilar os exercícios espirituais de 1951. O Padre Américo estava. O exercitante, um sacerdote eminente pela santidade e pelo talento, tinha andado connosco por alturas vertiginosas. E então naquela segunda meditação do terceiro dia perdera-se e perdera-nos pelas cumeadas longínquas onde às vezes o Espírito sopra em rajadas que derrubam.

Pouco depois de ter regressado ao meu quarto a porta abriu-se bruscamente e o P.e Américo, ainda afogueado, abraça-me rijo e forte e desfecha-me sem mais preâmbulos:

— «Oh! rapaz, como eu amo a Igreja! De cada vez amo mais a Igreja. Que outra instituição no mundo tem manjares destes para nos servir?»

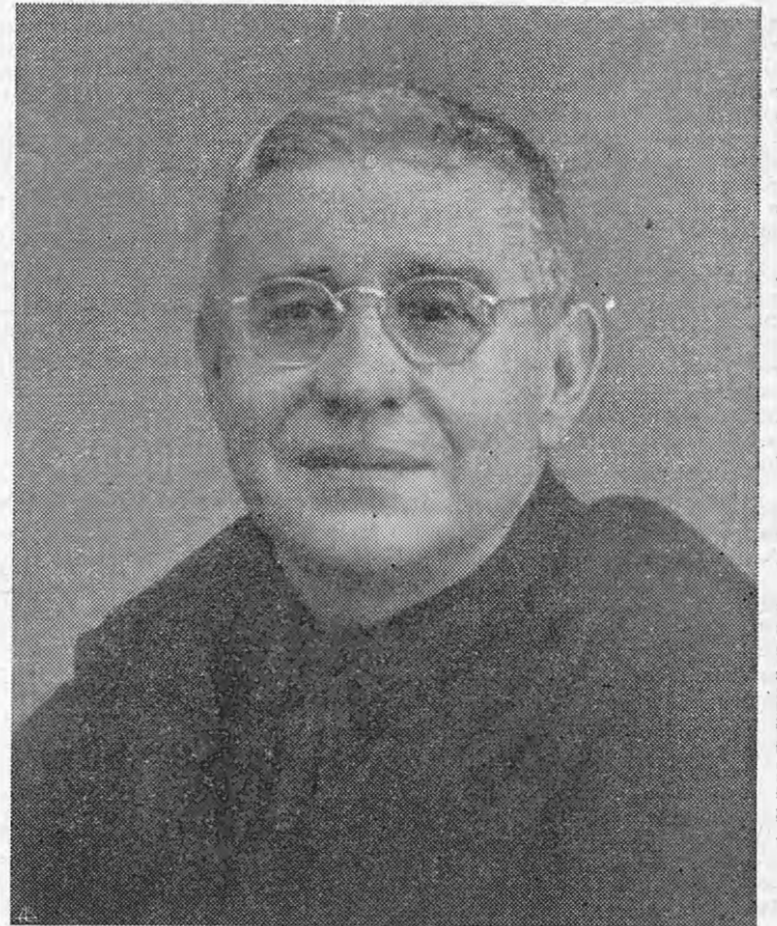
As vezes certas leis afligiam-no porque lhe estorvavam os movimentos. Mas as da Igreja nunca. Eram as leis da sua Mãe.

x x x

Do P.e Américo só poderia talvez dizer-se que as especulações teológicas o não apaixonavam. O Evangelho e o Catecismo bastavam-lhe, porque também encontrava neles riquezas que os teólogos encartados mal suspeitavam.

A sombra dos cedros, na

(Continua na quarta página)



Reuniões de Caridade!

Os diários trouxeram-nos a surpresa da notícia. «Uma reunião dançante a favor da Casa do Gaiato», com mesas para canasta e bridge e delas, naturalmente, para o serviço que certa confeitaria ali prestava.

Foi uma tristemente irónica lembrança de aniversário para um jornal que sempre verberou tais reuniões. Há 13 anos que Pai Américo vem pondo a Caridade no altar que lhe pertence, libertando-a dos cenários de comédia aonde o impudor e a inconsciência têm papel principal.

Mas sempre surge a teimosa «comissão de senhoras da nossa primeira sociedade» (A classificação é delas!) a profanar.

Num breve telefonema tive de dizer que não. Que lamentava que conhecessem somente o nome da Obra e não o princípio de confiança providencial que a fundamenta. Que não podíamos aceitar nem um centavo de uma tal proveniência. E que, de uma vez, em abuso semelhante, Pai Américo pedira a intervenção da autoridade que desfez a festa.

Foi-nos prometido que nos jornais em que se reclamara a reunião, seria dado o dito por não dito. Desta promessa ainda nos não chegaram novas de haver sido cumprida.

Quase ao mesmo tempo soubemos que em certo distrito longínquo se anda a fazer casas do Património à base destas misturadas de dança e canasta com rótulo de beneficência. Ora ouçamos o vicentino que nos escreve:

«Esta cidade agita-se de há tempos para cá com «tardes infantis», «tardes desportivas» e «chás canastas», tudo por môr do Património dos Pobres. Ora, se eu não li mal, uma das preocupações do Pai Américo era a de que o Património fosse apenas o fruto da caridade espontânea, viva, individual dos que têm, a favor dos que precisam.

Será que se verificou que tamanha pureza de doutrina era inoperante, e se transigiu com o século?

Como do Património se ocupam vicentinos, e eu fui vicentino longos anos, faz-me cá uma espécie que já sejam permitidas as chamadas «festas de caridade». No meu tempo o «Manual» era perentório, na sua proibição, e não sei se terá sido corrigido «ao menos» para o ramo feminino, «ao menos» para Portugal, «ao menos» para esta Diocese. (O «ao menos» de Frei Bartolomeu dos Mártires!...).

Como a luz não é para guardar debaixo do alqueire e para remediar deformações, ainda que bem intencionadas, aqui juntamos a nossa mágoa à daquele vicentino, na prevenção de outros possíveis equívocos da mesma espécie.

AQUI, LISBOA!

A atitude dos dois personagens do Evangelho que passam hirtos pelo homem prostrado em terra é o modo comum de agir do comodismo contemporâneo. Este, por não se dispor a operar, aponta os que se abaixam a sarar feridas como exibicionistas de bem fazer. Tenta esconder a si próprio as necessidades alheias. E no entanto, muitos

Calvário

Na hora em que escrevia sob esta epígrafe no passado número, a primeira «pedra viva» do Calvário já não era viva. As notícias que então dava não eram risonhas. Porém, não esperava tão cedo o fim.

Deus guardou o «General» eu Seu Seio, após vinte e dois anos de uma vida toda de prova. Ele, decerto, não levará recordações dum mundo que lhe foi padraço.

Ao Senhor da Vida, que agora o mudou para o lugar da Vida, nós suplicamos o seu descanso eterno e, para nós, a graça de ajudarmos o mundo que lhe foi padraço a ser melhor.

(Continua na 2.ª página)

A G O R A

A «proissão» sai hoje animada por farto e devoto concurso de povo, graças a Deus! Que se os que chegam são em bom número, não é nada peca a saída do que trazem. Senão, leia-se «Património dos Pobres» e ver-se-á como «ele» gira.

Vamos primeiro às caras conhecidas. É M.M.—A.L. com a 6.ª prestação de mil e M. sem mais nada com a 1.ª da mesma importância. O assinante 6.790 envia a sua 7.ª prestação. «Embora modestas, espero viver o suficiente para que todas juntas perfaçam o indispensável à construção duma casa». Deus lhe dê vida e saúde, snr. assinante. Uma Maria com a sua quota anual de mil e dez vezes menos do do plano decenal. O mesmo referente a Fevereiro de alguém que só Deus conhece.

E as caras conhecidas continuam a desfilar. Vêmo-las agora no agrupamento das «artes e ofícios», mas a maior parte tem vindo e torna e tornará, se Deus quiser.

À frente o Pessoal da HICA, com o seu voto de Fevereiro: 1.978\$10. Em 1956 estes votos renderam 24.220\$50. Ora como a Administração da HICA faz uma só voz com o seu Pessoal temos que dela nos chegou outro tanto. Quer dizer: 48.441\$00 contra 35.747\$40 em 1955. Nesta progressão onde iremos em 1957? Viva a família da HICA!

O Pessoal dos escritórios dos Transportes Colectivos tomou a iniciativa e foi por aí fora a todas as secções. Resultado: uma casa.

Logo a seguir aparecem os professores de Proença-a-Nova com mais 600\$ para a casa deles e depois a Casa Candidinha e seu pessoal com a 6.ª prestação de 400\$00 e quase ao lado o Pessoal do Grémio de Panificação traz um nadinha mais que metade no seu pendão.

Agora é a vez das ruas. Saiba-se que ainda por lá se não apagou o incêndio. Eu creio mesmo que em cada ano novas labaredas hão-de crepitar. Ainda há dias andei a ver terreno para as 4 casas da zona da Picarria. Local esplêndido, sobranceiro a Campanhã. Assim a Urbanização não impeça...

Pois hoje são a R. Sá da Bandeira e a Praça D. João I a passar com 57.030\$40 e mais a telha para uma casa. Da zona de Costa Cabral mais 61\$00.

Lisboa manda também a sua representação por meio do Montepio Geral. São 40\$ de M.A.S. e 120\$ «duma tripeira» e duas vezes 500\$ pra «casa do meu Zeca» e 1.296\$90, 3.ª prestação da Casa dos Professores Primários e passado pouco eles outra vez com mais 1.152\$20 e 2.000\$ para acabar a Casa Esperança, mais uma casa, a «Casa Olga-Lena» e mais 500\$ anónimos.

Surgem agora dois bilhetes de J.L. para a «Casa à Minha Noiva» e ambos dizem «9.ª prestação—500\$00»; «total em dívida 7.500\$00». Não será engano? Ora faça o J.L. o favor de rever as suas contas e diga à gente. Vêm mais a 4.ª, 5.ª e 6.ª prestações da «Casa do António e do Fernando»: 300\$00.

E o Senhor do «Lar de S. José», que viu a notícia no passado «Agora» e se lembrou de que era tempo de pôr no seu lugar a 2.ª prestação de 500\$.

Passa agora o grupo dos que não formam classe. Quanto heroísmo escondido, que só Deus conhece! É o Café Pereira do Porto, com 729\$ e 100\$ da Mariana José e o mesmo de Sá da Bandeira e outra vez, de Viseu, da Aldina, e o dobro e mais 10\$ dum colega de Lisboa.

Da casinha-mealheiro que estava no Bazar Esmeriz, aos Clérigos, 107\$50 e 500\$, o «mês ilíquido» duma Maria de Lourdes que chama por outras para se construir a «Casa de Nossa Senhora de Lourdes», a inaugurar no próximo ano que é o do 1.º centenário da Sua aparição. Vamos a ver se as Lourdes estão dispostas a incorporar-se como classe, nesta proissão.

Outra cara amiga. É o «do tabaco a menos». Mas desta vez são os 20\$ costumados e mais 50\$. Trinta do Porto, mil de Lisboa, 650\$ de Fonte de Moura, cem do «uma licença» e 150\$ «migalhas para juntar a outras que se irão seguir e a 200\$00 que em tempo seguiram já».

Surge agora um esposo em representação da esposa. São doze sacos

de cimento e «tenho um grande prazer». Da Guarda 30\$00, de quem se aflige pela demora no começar das casas de lá. Temos notícias de que é agora. Oxalá em breve se confirmem.

Fechem o religioso cortejo as casas completas. São os «Amigos de O Gaiato» com a «Casa da Mãe Santíssima». Vamos a ver se poderá ser no Zambujal, mas localização a ninguém se pode prometer. Terreno tem sido e é ainda a maior dificuldade.

Outra com esta legenda: «Em memória de seus saudosos Pais. Um casal de licenciados». É de Luanda, 1957. Depois diremos onde a casa poderá ser. Outra casa entregue à porta do Lar, «para ser construída onde mais se faça sentir a sua falta». Ora assim é que é: Piedade universalista. Que Deus oiça e lhe pague os votos que me faz.

Finalmente, a casa «Uma graça do Coração de Jesus». Esta é já a 3.ª senão erro, e é desejo de quem a dá continuar anualmente. Além destas dará o preciso para outra logo que haja terreno à beira da estrada Lisboa—Porto, Atenção Párocos e Senhoras e Senhores de entre Porto e Lisboa, à beira da estrada, quem nos arranja 80 ou 100 metros quadrados, para mais uma casa «Uma graça do Coração de Jesus»?

Do que nós necessitamos

Outra coisa que nos dá alegria é a comparticipação dos leitores na vida dos nossos Pobres. Todas as quinzenas aparecem os samaritanos de casos há muito tempo aqui falados. É «uma pecadora» com 50\$ para a viúva do «verdadero sentido de bem fazer». É o mesmo para a mesma de outro senhor. E mais 100\$ para outra viúva, a da «Nota da Quinzena». E ainda o mesmo do mesmo António na piedosa intenção de «ajudar uma Mãe a alimentar seu filho».

Mas se falamos em casos novos, aí vêm novos inquietos tomar a sua parte nos nossos cuidados. É assim que têm vindo do Congo Belga francos para um doente de «Xangai» e agora 100\$ para a família da Casa «Ouvi-me Senhor» e metade, mais o dobro para o paralisado da Banharia, falado no último Barredo. São «uma pecadora que anseia salvar-se» e um «Casal Feliz» de Aveiro.

Mais 500\$ de Zaida a pedido do sobrinho Fernando. E a expressa determinação de uma alma boa que há pouco foi definitivamente entregue ao Senhor. A família, fiel e piedosamente, cumpre. São mil escudos.

Mais 100\$ de Chaves, de um doutor; e o mesmo do Artur e Mariáinha «pela saúde da nossa filha»; o dobro de «uma anónima»; e metade desta quantia, de «uma portuense humilde».

Uma funcionária do Ministério da Educação Nacional manda 50\$. Outro tanto de Rio Tinto, e dos conhecidos «dois amargurados». O dobro duma promessa cumprida. É da Senhora da Hora, por intermédio de «O Comércio do Porto», 20\$. Cem de «uma pecadora que muito admira a nossa Obra». É já a 3.ª pecadora que hoje aqui enfileira. Não admira... Entramos na Quaresma. É tempo de penitência. Quem dera que todos quantos se dizem cristãos fizessem Penitência na Humildade e na Caridade, em vez de na colecção atropelada de P.N. e A.M.!?

Mais 60\$ de Ganfei. Onde será? De nome muita geografia aqui aprendemos! Cem de Maria Fernanda, em acção de graças e o dobro, do Porto, e outra vez 100, «em cumprimento duma promessa» e o mesmo dos irmãos Manolita e Jorge. De «uma humilde admiradora da Obra e vossa irmã», dois pullovers e 40\$00 (duas mensalidades) de S. Mamede de Infesta.

Mais 300\$ de duas estudantes de Coimbra «agradas» à alma do P.e Américo» e 20\$00 da pequenina Fa-ty, por uma intenção particular.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Para começar vai o Colégio de Nossa Senhora da Esperança, no Porto, com uma carta, uma boa notícia: «Desejando colaborar na Campanha dos Cinquenta Mil rogo o obsequio de futuramente nos serem enviados 25 exemplares de «O Gaiato». Com esperança que esta primeira semente frutifique e se multiplique faço votos de muitas felicidades para a admirável Obra do saudoso Padre Américo».

Um Colégio a colaborar na Campanha é do melhor que há. Sim, porque a Escola é uma coluna do futuro da Pátria. Se quisermos um mundo novo, um Portugal maior e melhor, pleno de Justiça e Caridade, a esperança reside na Juventude. Vamos educá-la, formá-la, criar-lhe o apetite, a necessidade de cuidar dos que sofrem. O jovem leitor amanhã será homem, quicá, num posto de comando e então muito terá que fazer e dizer.

Isto vai senhores; isto vai. «O Gaiato» há-de ser mais lido, mais divulgado, a assembleia há-de crescer. A gente não duvida. Evidentemente que não atingimos os cinquenta mil do pé prá mão. Isso não. Há-de custar. Há-de demorar. Mas o fio de chegada será cortado e até ultrapassado! Porque a Obra não estagna, é viva e cresce e multiplica-se.

Agora é a vez dos empregados do Caminho de Ferro de Benguela. Além dos que já recebem, apresentam-se de fresco mais oito deles: revisores, encarregados de restaurante, condutores. Gente de trabalho. E quão nossos amigos! Como lhes queremos tanto! Não se admirem se dentro em breve não houver um deles que deixe de ler ou assinar o nosso Jornal. Segue-se o Seminário de Évora. Anda por lá quem muito se interessa pela Campanha e colhe esplêndidos resultados: mais quatro novos assinantes. Pai Américo exultava com o interesse dos Seminaristas pela Obra da Rua. Ele amou a Igreja, deu-se à Igreja, e quis que Ela — a Mãe — fizesse sua a nossa Obra. Por isso alegra-se com «a inquietação de futuros sacerdotes».

Os «Amigos de D. António Barroso» parece que prometeram, também, não ficar um que seja sem a companhia de «O Gaiato». E aí vêm com 7.

Continua na pág. QUATRO

Dinheiro a render

O artigo «Ordins é um livro» fez estremecer muitos leitores. Indignação, lágrimas e o abrir da bolsa foi tudo a um tempo. Ricos e Pobres acorreram a levantar da miséria imerecida o casal heróico. Dadores de sangue. Nunca tanto me soube a hora do correio. Nunca a comoção se apoderou tanto de mim. Pelas cartas se vê que todos somos irmãos em Jesus. Há consciência duma tal doutrina, a Caridade, única capaz de fazer reinar a Paz no mundo. A Marinha Grande enviou 100\$00 e «muito e muito obrigado pelos grandes benefícios que tem prestado aos nossos irmãos de Ordins. Escreva sempre. O mundo precisa destes actos heróicos para despertar». De Lisboa, alguém que vive do seu trabalho enviou 3.000\$00 «que era para pôr a render, mas assim ponho-os nas mãos de Nosso Senhor». Neste Banco, nem ladrões, nem traça, nem ferrugem. De algures, roupas e medicamentos. Vila Moreira, «com os olhos cheios de lágrimas» veio com 200\$. Oeiras associou-se com 20 e roupas e esta formosura de alma: «também estou para ser Mãe pela terceira vez e com «muita» alegria». Que estas palavras chamem aos sagrados deveres matrimoniais os transviados.

Aqui, Lisboa!

— Continuação da 1.ª página —

de quem está tolhido pelo comodismo e nunca deu fé do que seja passar noites seguidas na rua?

Mas as aflições têm as mais variadas ressonâncias por essa capital. Aqui falta o pão, além o agasalho. Este anseia pela saúde, aquele pelo carinho. Pela vida, pela morte. Uns procuram a defesa moral dos filhos em local impossível. Outros pretendem em vão constituir lar cristão e fecundo, o que as dificuldades materiais dum salário infra-familiar ou duma habitação condigna não permitem. Há mágoas até pela transgressão a deveres religiosos por carencia de vestuário e consequente vergonha de aparecer roto ao lado de quem ostenta brocados e rescende a alfazema.

De quem a culpa de tanto sofrer, de tanto transgredir? «Não sei, não é comigo» — dirá o comodismo.

Pecados de omissão que pesam sobre todos nós. E nem damos fé. O nosso tempo perdeu o sentido do pecado de comissão e há mais tempo ainda o sentido do pecado de omissão. Se um é grave, o outro não é menos.

Se a inquietação dos males alheios nos perturbasse constantemente, ou melhor, se quiséssemos sofrer com os que sofrem, haveria menos sofrimento porque repartido e um rumo mais feito à felicidade para todos. Cada passo dado neste sentido e com este fim é um contributo para a paz.

Padre Baptista

De algures, 50\$ e «O Gaiato deixou-me o coração a arder». Outro tanto do Porto e seis vezes mais de Besteiros. Lisboa apareceu com cem, 200, 300, 500 e mil. Um pouco mais abaixo, Setúbal, com uma carta vibrante e 200. Outro tanto de Gaia («também trabalho muito e muito me entristece o trabalho não ser remunerado como devia ser») e o mesmo de Viseu, «rogando da parte desse casal, com quem Jesus vive, uma oração pelo nosso trabalho, pelo nosso futuro lar e pelos nossos futuros filhos». Que formosos estes «Dois jovens quaisquer». De Bragança, roupas, objectos religiosos, uma nota de 20, acompanhando uma carta dirigida à tecedeira «Querida irmã em Jesus». Alguém do Porto mandou-me ir lá buscar 3.000\$00. Eram emprestados sem juros. «Não deixará porém de dizer aos credores dos 12% e 24% o que eles são: ladrões». Uma Avó com 40\$ «torna os juros um pouco mais suaves e a minha consciência mais aliviada por ajudar o próximo na medida das minhas possibilidades». Um notário de Coimbra com 100 informou que a Lei estipula que o «usurário transgressor perderá o capital a favor do Hospital ou Assistência local».

S. Gabriel (B.B.) traz 1.200\$ «para minorar a situação dessa família». Do Porto, uma Maria com 55\$00, «por intenção de Isabel». Uma «irmã em Cristo» de Lamego manda 1100\$. Ficaram-me os olhos num formosíssimo enxoval feito em Carviçais, donde vieram também 60\$ e uma gabardine para um gaiato. De algures, 200 e metade de S. Pedro do Sul. «Uma mulher» envia 1.000\$ e pede «se eles me davam um dos seus terços noturnos, para uma intenção espiritual que há muito peço a Deus». Do Porto, 1.000 para Gondarém e o dobro para a tecedeira de Ordins, mas Snr. Padre Carlos houve por bem trocar as quantias: «Eu troquei a maquia», escreve. E, assim maquiado, encerro esta formosa lista.

Agora vamos a contas. O correio trouxe-me 10.295\$00. Chamei o heróico casal e, uma vez mais, inquiri das suas dívidas. Fui-lhe entregando as roupas enviadas e, em dias sucessivos, a importância de 3.130\$00. Quis provar da sua alegria repetida, repetindo o gesto de dar. Deixei-lhe mais 20 arrobos de batata de semente e um saco de Nitrophoska adquiridos «com todos os descontos» no Grémio da Lavoura de Penafiel, importando em 1.011\$60. Sei também que a caixa do milho está no fundo. «Só há para mais uma fornada». Pois comprar-lhe-ei pão, até à próxima colheita. Para já, adquirir-se-ão trinta arrobos de milho, que importarão, em cerca de mil escudos. Mesmo assim providas as suas necessidades, fica-me na mão bastante. Pensei em fazer-lhe uma casa. Numa parte viveria a tecedeira, o marido e os filhos. Na outra, se não se encontrasse dificuldade, o s pais da tecedeira. Assim a filha perto da mãe (pobre e pecadora

Continua na quarta página

PATRIMONIO DOS POBRES

Com este giro pela diocese de Viseu fechámos a volta em torno do Património dos Pobres na zona norte que nos está confiada. P.e Horácio tem aqui relatado as suas rondas para o sul das dioceses de Coimbra e Guarda, inclusivé.

Só nos três últimos meses do ano passado, ambos entregámos a Párcos do Continente cujo trabalho vimos, perto de 800 contos. Isto à média de cinco por casa! Se nos lembrarmos que cada uma não fica em regra por menos de 15 contos, temos que o triplo daquela quantia andou em movimento naquele período, fruto dum acordar do sentido da Justiça social, latente na alma do nosso bom povo.

Para mim, este é um dos aspectos mais admiráveis do Património, no qual se revela o pedagogo que Pai Américo foi em toda a sua acção.

Despertar consciências. Mover boas vontades. Agregar esforços.

E, de Caridade, fazer muralhas de Justiça, contra as quais se abatem inúteis os ataques do Inimigo.

Nesta volta pela diocese de Viseu nós vimos destes «milagres de multiplicação». Sobretudo na cidade. Habitados já, um grupo de 4 casas e outro de 6. Ambos muito bem situados, implantados com imenso gosto, sem geometria, ao sabor de Pai Américo. Em cada um destes pequeninos bairros não há duas casas iguais. Cada uma de seu tipo. A harmonia exige variedade.

E que dizer do novo agrupamento de doze casas, das quais eu vi algumas já subidas, em encosta fronteira à cidade?

Se o SNI descobrir o local, ali seria mais uma bela Pousada. Porém, é mais do que isso. É santuário de almas. Lugar onde heróis e mártires, o ntem desconhecidos de si mesmos no tugúrio em que vegetavam, tomam consciência da sua altíssima dignidade de filhos de Deus e começam a crescer para o Alto. De mártires e heróis se fazem santos. Esta é a **Obra** do Património dos Pobres.

Perguntámos aos vicentinos como tinham sido aquelas 22 casas. Eles não sabem. Sabem apenas que «semearam em lágrimas», batendo uma a uma todas as portas da cidade. Depois tornaram a bater, na colheita. E esta está sendo «em exultação» como prometem as Escrituras. De resto, não sabem mais nada, que eles são homens de Fé e acreditam que «Paulo semeia e Apolo rega, mas Deus é quem dá o crescimento» às Suas obras.

Outra coisa que nos deixou grande alegria foi a ordem e o asseio que notámos nas 10 casas já habitadas. Um vicentino vai por elas todas as semanas. Não é uma revista «à militar». É um paciente e caridoso estímulo que princi-

pia por ensinar e acaba por exigir.

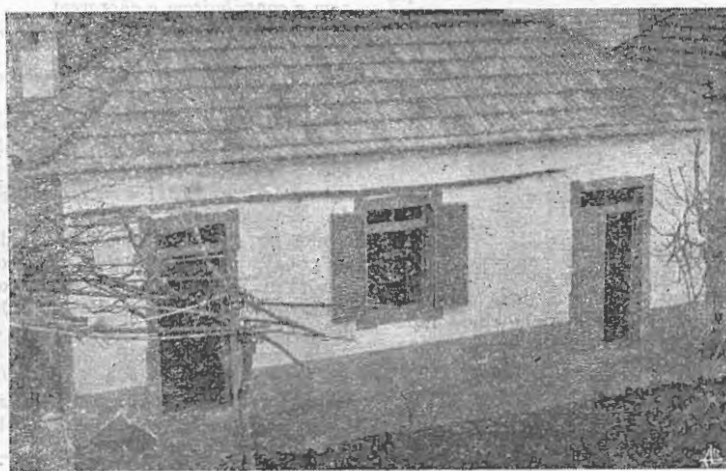
Por tudo e por mais este grande esforço educativo vivam os vicentinos de Viseu!

Ainda na cidade mais oito casas — outra «muralha» em que o Senhor Bispo converteu a prenda dos seus diocesanos em ocasião de um jubileu.

Ficam rentinhas ao Seminário e foram habitadas muito recentemente. Espera-se que os seminaristas não hão-de ficar atrás dos vicentinos no cuidado daquelas oito famílias.

Antes de Viseu, passámos por Canas de Sabugosa, Tondela e Campo de Besteiros. Aqui, juntámos à caravana peregrina, um novo cidadão de Paço de Sousa. Ficámos três: ele, eu e o Quim, que fazia a sua estreia de automobilista.

Em Campo de Besteiros duas casas geminadas. Grandes, bem situadas, mas um bocadinho desgraciaças e desacompanhadas. As futuras que o Pároco intenta ali e na paróquia anexa de Molelos hão-de



Agora é.

aproveitar desta primeira experiência

Oxalá apareçam vicentinos ou outras almas de boa vontade que coadjuvem o seu Pároco na doce tarefa de ensinar os Pobres a «viver».

Em Tondela outras duas casas geminadas muito bonitas. Falta-lhes somente a assistência continuada.

Em Canas de Sabugosa, outro grupo de quatro moradias, um Centro de Assistência em construção e um coração a arder na alma do Pastor, que há-de congregar as ovelhas afastadas a golpes de Caridade.

Pertinho de Viseu, é Oliveira de Barreiros. Um pároco jovial, confiante, decidido e seis casas magnificas nos últimos retoques.

Na mesma tarde despedimo-nos de Viseu, com saudades, a caminho de Aguiar da Beira onde pernoitaríamos. No caminho passámos por Mangualde, onde são 4 casas em óptimo local, prestes a serem habitadas, e fizemos ainda estação de amizade na fidalga Casa da Insua.

Continua na pág. QUATRO



Aqui Madeira — Era.

Tribuna de Coimbra

A nossa vida é um vai-vem contínuo. De tantos modos se dispersa a nossa atenção e tão diversos são os cuidados que muitas vezes andamos cansados parecendo não fazer nada.

Nada, no ver dos homens; porque, aos olhos de Deus, o nosso não fazer nada vale pela aflição. Afligimo-nos. E, enquanto nos afligimos com a sorte dos nossos irmãos, amamos a Deus. A nossa aflição, embora não resolva, vale. Vale pela Providência de Deus.

Um dos nossos grandes cuidados são os Pobres. Os Pobres em aflições, a tombar para a miséria. E este cuidado não é primariamente matar-lhes a fome. Isso ainda é o menos. Mas sim a sorte; a sorte deles.

Em muitos casos o Pobre não pensa, não reage, não se estimula. Fica-se. É um diminuído ou julga-se diminuído.

Os filhos, ao abandono de pequeninos, rotos e sujos, habituan-se à rua e às côdeas do caixote. As mães, a braços com dificuldades de toda a ordem, ficam-se a lastimar a sua sorte e à espera que os

filhos vão buscar a panela da sopa às casas do costume; apanhados pelo lixo do meio em que vivem, já nem se preocupam a limpar os filhos e a casa e a remendar a roupa. Os pais, ou doentes, ou de vinho e fumo, não procuram meios de vida; metem-se em casa ou espreitam o sol ou vão para a taberna; e, se alguma coisa ganham durante o dia, raro o trazem à noite para casa.

Estes casos são muitos nos nossos dias. Em contacto com eles, sentimos vontade de virar costas, abandoná-los. Não merecem. Não fazem pela vida. Mas vendo as coisas nos seus lugares, nós vemos por detrás deles a presença de Deus. Cada um é um irmão nosso. Com o mesmo Destino Eterno.

Também o Senhor Jesus pregado no alto do Calvário viu a inutilidade de Seu Sangue para muitos dos homens e, contudo, derramou-o até à última gota. E quando já não tinha sangue, do Seu Coração Divino saiu água.

Hoje estamos muito magoados com o «Zé da Porca». Era nosso desde pequenino de colo. A mãe faleceu pelos maus tratos. Já cá tínhamos outro irmãozito. Há três anos veio o pai com o filho mais velho de vinte anos, a desafiarem o irmãozito e fugiram com ele. Meti-me no «Sinca» e fui ao encontro. Levei um pau de oliveira e quando os apanhei, malhei a bom malhar. Trouxe comigo o pequenito e até hoje não mais apareceram.

Há dias apareceu aqui outro irmão, roto, sujo e cara de fome, também na casa dos vinte. Sem darmos por isso, levou-nos o «Zé da Porca». Estava na terceira classe e dava esperanças de vir a ser um homem. Custou-nos tanto até agora a criar e, quando ele mais precisava da Casa do Gaiato, levaram-no.

Sabemos que o pai e os dois filhos mais velhos são vagabundos. Somos testemunhas da sua vadiagem e embriaguês. Andam de terra em terra e já os encontramos caídos por aí fora. Mais um vadio da Sociedade de amanhã. Mais uma ferida nos ficou. A força das Autoridades é necessária nestes momentos. Eis a nossa aflição.

Padre Horácio



Estava trabalhando no escritório de Pai Américo.

Um pequenito, com aquela sem-cerimónia de quem está em sua casa, entra e diz que «estão ali uns senhores». Ele é a toda a hora destas interrupções. E os meus rapazes não me defendem. Mal chega alguém, urgem comigo: «Estão ali uns senhores». E pronto! Não tenho remédio senão largar o trabalho e ir atender.

Esta vez porém, tardei um pouco. Acabado o que estava em mãos, fui encontrar os meus visitantes encostados ao gradeamento que dá para a escada da Casa-Mãe. Eram Pai, Mãe e Filha. Aqueles, pouco menos jovens do que esta.

Adiantaram-se de lágrimas, nos olhos: «Deus tem-nos

ajudado e nós queríamos muito vir cá e trazer a fêria de um dia de cada um».

E entregaram 111\$50: 40\$ do Pai, que é operário; 50\$00, média que a mãe costuma fazer na venda de hortaliça; os restantes 21\$50 eram da filha, trabalhadeira de modista.

Ora não é a importância, nem mesmo o sacrifício. Nós temos esmolas de muitos outros de vida mais difícil do que a desta família de três pessoas com um salário total de 111\$50. O que eu não sei dizer — mas quereria — é a delicadeza e a felicidade destas três almas, transbordante até às lágrimas. Os três, tão unidos no mesmo sentimento! Oh beleza de uma família que vive em um só coração e uma só alma!

Fiquei com pena de os ter feito esperar.

Dias após, depois de uma manhã de peditório em uma Igreja do Porto, alguém me procura no Lar. Começara o almoço. Estava cansado por cinco homilias seguidas. Mandei dizer que não, impacienciado. O senhor ouviu e retirou. Daí a uma hora toca o telefone. O mesmo senhor há pouco despedido, pediu um minuto para chegar e outro para falar. Veio. Tinha estado na Igreja. Tinha dado sua esmola. Queria ver-nos de mais perto e deixar-nos outra esmola. Veio e deixou quinhentos escudos.

E deixou sobretudo a humilhação da minha impaciência e, tal como aquela família de três, o mistério de um interesse transbordante de afeto, de que só Deus é responsável.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

IMais um irmão que partiu. Foi para o Senhor. Era raquítico, muito doente. A sua última pousada foi o Hospital de Santo António, na cidade do Porto, onde foi sujeito a umas transfusões de sangue e rigoroso tratamento.

Foram feitos todos os esforços para salvar e tornar um homem útil à sociedade, o Valdemar Alves da Silva, popular «General», tão conhecido dos nossos queridos leitores. Está cumprida a nossa missão. Não resistiu, pois era chegada a sua hora.

Facetas de uma Vida

Continuação da 1.ª página

— casa de Paço de Sousa, disse-me duma vez:

— Sabes? Encontrei no hospital o Dr. F... (tratava-se dum médico distinto, herdeiro dum grande nome). «Estava embrenhado na leitura de S. Paulo. Percebi que ele queria puxar-me para a Teologia. Mas eu saí-me! Ele era capaz de saber mais Teologia do que eu... Estudava-a nas fontes».

Recentemente, referindo-me por sua vez este encontro, o médico aludido acrescentou-lhe um pormenor:

— À despedida deu-me um rebuçado. E o remédio foi comê-lo.

x x x

Outro médico de grande fama foi visitar o P.e Américo, quando em tratamento dum pé num hospital do Porto. Encontrou-o muito absorvido, mãos apertadas e dedos enclavinados. A resposta à saudação recebida, foi dizer:

— «Eu tenho tanto medo de mim! Eu tenho tanto medo de mim!»

Quer dizer: não se interrompeu. Perante o visitante passou a meditar alto. Tinha um ouvinte e repartiu com ele do «pão» que estava a comer, do outro «pão», daquele de que se alimentava à farta.

Mesmo porque sem ele, não teria sido o que foi.

x x x

Era «assim» o P.e Américo. Não o desfiguramos. Entreguemo-lo «assim» à História.

Padre Avelino Soares

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DINHEIRO A RENDER

Continuação da 2.ª página

pública), vigiá-la-ia e ampará-la-ia. A verba, porém, que me resta é insuficiente (uns 5.000\$). A não ser que os leitores tomem o caso por sua conta e ponham mais dinheiro a render. Alegrem-se todos, porque arrancou-se à miséria mais uma família em Ordins. O que eu ouvi à tedeira deixo-o a todos: «O Senhor é que lhes há-de pagar».

Padre Aires

A morte entra em casa como um ladrão. Sem se saber a hora nem como, nem onde, nem de que maneira. Foi o primeiro habitante do Calvário. É mais uma luz que há-de acender futuras, para que a Obra se dilate, frutifique mais e se torne mais digna do Criador. Paz à sua alma e muitas saudades de todos os irmãos que ainda por cá ficam!

— No passado dia 2 foi dia de festa para a cristandade inteira, pois foi o dia de aniversário do sucessor da cadeira de S. Pedro — o representante de Cristo na terra, Sua Santidade Pio XII.

Como bons filhos, não podíamos, de maneira nenhuma, passar indiferentes a esta data festiva, e, à volta do Pai, no Altar do Sacrifício se reuniu toda a família, elevando-se um pouquinho até ao Alto.

Daniel Borges da Silva

MIRANDA

Caros leitores cá estamos novamente ligados pelo nosso Famoso que continua a ser o Jornal mais querido.

Por toda a parte anda a mania da moda e se não estou em erro até a guerra já é moda. Cá em casa a moda é ver as calinadas uns dos outros. Com distinção sem rival, o nosso «Rato» vai à frente. A mais fresquinha foi a de há dias quando nós estávamos a deitar-nos, pois estava a teimar que o chassis de um carro, «era um carro que estava na suata»!

— No passado dia 24 fomos a Louisa ao cinema ver «O Balão Vermelho» e «O meu tio Jacinto», que a malta gostou muito. O que não gostámos foi de ter de pagar as entradas, por isso fazemos um apelozinho à direcção deste Cine, que se encontra em Lisboa, para nos deixarem ir ver o Marcelino. Em nome de todos agradeço.

— Vai começar a sementeira da batata, esperamos que tudo corra bem. Uns a pôr batatas, outros estrume, adubo e é um regalo ver a malta de volta da azáfama, mas muito mais regalo é vê-los depois no prato, com bacalhau e azeite.

— Os nossos irmãos de Paço de Sousa têm recebido muitas, mas nós ficamos em branco. De certo os nossos leitores já sabem do que se trata; é de uma bola de futebol, por isso façam-nos este jeitinho.

Por estarmos a falar em futebol eu quero lembrar que o nosso time é invencível, nunca perde. Por isso cá esperamos clubes a fim de se divertirem connosco. Para jogarem, em primeiro lugar é preciso pedir num simples postal.

José Dionísio Figueiredo

Campanha dos 50 Mil

Continuação da 2.ª página

Mais África: a firma Antero Cunha & Irmão, de Vila Salazar, é propagandista de categoria. Além de muitos assinantes angariados e da cobrança que realiza de livre vontade recebemos, agora, uma lista com mais oito!

Como os cronistas são muitos e os artigos a sobrar, Senhor Padre Carlos manda parar aqui e continuar na próxima. Até lá, boa sorte na colheita e a certeza de que vamos prós cinquenta mil.

Júlio Mendes

TOJAL

Cá estou eu para vos contar novas notícias da nossa Conferência do Tojal.

Umam são boas, outras más.

As más prendem-se na tristeza em que nós, confrades, estamos mergulhados.

O motivo é simples. Temos recebido poucos donativos. No mês passado veio-nos ter às mãos apenas 50\$00 de donativos.

Ora, quero dizer com isto que o apelo feito na última crónica não foi só para um, mas para todos que lêem o nosso Jornal.

Estamos cada vez mais atrapalhados. O dinheiro não nos chega para tão grandes despesas.

Isto as tristes notícias.

Agora as boas.

Nas nossas últimas reuniões temos discutido a fundo para o aumento dos Pobres e das mercearias. Tudo isso se fez. Eram onze Pobres, actualmente são catorze.

Eram 50\$00 a 70\$00 as despesas por semana, agora passaram a ser de 100\$00 a 200\$00 e mais. Enfim, tantas despesas para 197\$30 que temos em caixa. Não diminuíram os pobres nem as mercearias. Pela graça do Pai Celeste continuaremos a dar o que actualmente damos.

Não quero terminar sem vos dirigir o tal apelo que se funda em palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo:

«Quem dá aos Pobres dá a Mim mesmo».

Pergunto. Porque assim é? Porque o Pobre é a imagem mais perfeita de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lembre-mo-nos sempre disto. Por hoje ficamos por aqui e até outra vez se Deus quiser.

Zé do Porto

SETÚBAL

— Também nesta Casa se fundou a Conferência de S. Vicente de Paulo. Tem como patrono S. João de Deus. Pertencem à Conferência cinco rapazes cheios de boa vontade e irmãos do mesmo ideal: ajudar os nossos irmãos pobres. Todos os domingos no fim da missa os vamos visitar, levando-lhes não só a esmola material mas também algumas palavras de conforto espiritual. Nas nossas visitas aos cinco Pobres que presentemente socorremos, temos visto muitos a viverem miseravelmente sem o amparo, quer espiritual, quer material, de alguém. Nós não pretendemos só ajudá-los materialmente. Desejamos acima de tudo ajudá-los espiritualmente. Não os obrigamos a vir à Missa ao domingo. Eles por eles não de sentir essa obrigação, e muitos já a sentiram e vêm de bastante longe assistir à Santa Missa. Já temos alguns subscritores que nos ajudam mas ainda são poucos. Não se esqueçam os leitores de nos ajudarem. Olhem que se há miséria em Portugal é aqui que ela mais se sente.

— Fizeram exame no dia 26 o Russo e o Periquito que em breve juntamente com o Canhoto e o Arminho irão trabalhar como resinheiros para as matas do Estado na Marinha Grande. Que eles sejam felizes e saibam sempre honrar a Casa onde se fizeram homens, são os nossos votos.

— Todas as semanas o Senhor Dr. Forreta (mas é só de nome!) vem ver que tal anda o físico da malta. Queremos deixar-lhe aqui o nosso vivo reconhecimento por mais esta maçada que ele suporta de bom agrado, porque trabalhar para os gaiatos é trabalhar para um Portugal melhor.

— A nossa quinta parece um jardim florido. As ameixoceiras e os pessegueiros floridos dão um aspecto deslumbrante; os trigos verdejantes juntamente com as restantes culturas dão-lhe um tom de alegria que durante o inverno não tinha; as cegonhas já andam novamente a fazer o ninho no nosso pombal. Conforme elas vão acarretando a palha e os paus, o vento vai-lhos deitando para o chão.



Oficinas de Miranda

— Amigos leitores, se por lá tivessem algumas chuteiras ou equipamentos que quisessem mandar, a malta ficava toda contente. A equipa que tínhamos está no último grau. As direcções dos clubes é que podiam mandar algumas que por lá tivessem

a mais. Ao Victória já não nos atrevemos a pedir pois já nos deu uma bola e dá-nos entrada no seu parque de jogos. Cá ficamos aguardando as vossas generosas ofertas.

José Roque Crisanto

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

AINDA A MÁQUINA: Não somos nós que tornamos. Os leitores é que sim! Vieram mais 50\$ e mais 1.000\$ e mais 50\$00.

Agora basta! Não mandem mais nada prá máquina. A cachopa tem uma e já trabalha. Vive feliz com o seu pequenino bem. Quanto ao avô permanece emocionado. Não admira. O Pobre bem formado, de boa consciência, sabe ser grato e emocionase. Felizes os que leram e acompanharam e contribuíram e choraram. Deus será por eles na hora precisa.

O QUE RECEBEMOS: Assinante 33.580, «pede uma Avé-Maria pela conversão de seu Marido e Filhos», 50\$00, Luanda, assinante 21.392, 50\$. Idem, 9.976, 20\$00. Idem 5.076, o mesmo. Idem 3.282, o dobro, 10\$00 do assinante 13.305. «20\$ por alma de minha tia para que Deus me perdoe as grandes faltas que tive para com ela». Um bilhete anónimo, uma confissão pública, Costa do Valado, 100\$ da assinante 12.945. Igual quantia do Porto, assinante 28.850. Metade do n.º 13.015. Parede, n.º 16.868, 10\$00. Régua, n.º 10.580, 50\$. 20\$ do n.º 4.103. 100\$ do Porto, assinante 22.417.

Património dos Pobres

Continuação da página Três

Do P.e Fonseca e da «sua» auto-construção, ele nos vem dizendo em «Casas para trabalhadores». Nós também havemos de dizer toda a edificante impressão que de lá trouxemos, mas não podemos alongar-nos mais.

Manhã nascida; Missa celebrada — eis-nos de novo a caminho. S. Pedro do Sul primeiro e depois Vouzela. Ali quatro casas que têm escandalizado os fariseus, de tão boas que são. Ali são Termas, lugar de Turismo! Eu não achei por aí além demais. Em Vouzela há quatro casas em lugar quase central e, no entanto, de retiro. Tivesse eu possibilidade de umas férias e pediria um quatinho a dar para aquele vale e ficaria horas a olhar e a ouvir as águas que por ali correm.

Regressámos por Lamego. Quisera em Castro Daire dar um abraço à mãe do nosso Machado; do nosso: dela e meu. Não nos encontramos. Será outra vez...

Era noitinha do 2.º dia quando chegámos a casa.

Quim, ao volante, ouviu algumas, mas não se portou de todo mal.

Gaia, n.º 5.706, 20\$. Mais Porto, assinante 3.459, 100\$. Arrancada do Vouga, n.º 27.321, idem. S. Paulo — Brasil, assinante, 16.034, 60\$. Maceira — Liz, assinantes 9.566 e 11.186, 40\$00. Monte Estoril, metade. Assinante 12.846, de Angola, 200\$. Mais Angola; António Rocha com metade. Idem do n.º 26.073. Apre! Isto hoje «manda chover», como diz a nossa malta. Num envelope 20\$00. Quem é? A mesma quantia de Luanda, assinante 13.888. Sim senhor. Angola despoheu-se e vai aqui toda contente. Viva o povo de Angola! Famalicao, assinante n.º 109 segue com 20\$. N.º 109! Dos primeirinhos. Da vanguarda. Freixo de Espada-a-Cinta, assinante 259, 30\$. Parece que os leitores mais antigos conversaram uns com os outros; parece. Os senhores reparam: ali o 109, aqui o 259. Estarreja, 50\$, do n.º 2.254. Por saldo de contas, 8\$00 de Turquel, mais 5\$ dum Sacerdote muito pobre e Amigo dos Pobres. Da «subscrição entre todos os que dirigem e trabalham e vivem na Ordem do Carmo, do Porto, como preito de sentida e sincera homenagem à memória do Pai Américo», coube à nossa Conferência 2. 150\$00. Que mão cheia! E que jeitinho nos faz. Sá da Bandeira, Angola, 50\$00 de A. V. M. «por alma de minha Mãe». Outra vez Angola! A senhora R. C. de Castelões torna com a quantia do costume. Mais 5\$00 da assinante 9.841. O dobro da assinante 12.484. E 15\$ do n.º 21.109, de Angola. Outra vez Angola!! Lisboa com 20\$ da assinante 2.959. Um funcionário do Banco Espírito Santo segue com 13\$00 para ser «aplicado como melhor entenderem». Lourenço Marques 100\$ da assinante 21.720. A décima parte de Lisboa, assinante 18.622. Porto, assinante 17.419, 15\$00 e mais «5\$00 em sufrágio da alma de Manuel Gabriel». Mais Porto, A. C. S., 20\$00. Bombarral, assinante 23.222, igual quantia. Benavente, n.º 12.680, 5\$00. S. Pedro do Sul, n.º 17.776, 100\$. Famalicao, n.º 14.071, 30\$00. Porto, n.º 6.648, 20\$00. Assinante 12. 889, com 50\$00 e um desabafo: «Devo mesmo declarar: Deus chamou-me à realidade da religião por intermédio de Pai Américo». Se mais não fora, isto bastava para dizer que a Obra da Rua é de Deus. «Deus chamou-me à realidade da religião por intermédio de Pai Américo». Como ele se sentirá feliz no Seio do Pai Eterno! Midões e Régua, assinantes 33.034 e 26.342, 40\$. Metade de Aveiro, assinante 6.308. O Senhor Doutor Joaquim Gonçalves Cerejeira, Juiz em Lourenço Marques, vai com 200\$00. Beatriz E. da Silva, Rio de Janeiro, o mesmo. O costume da senhora A. F., do Porto. Assinante 9.387, da Foz do Douro, 20\$00. Mais Porto, assinante 11.262, 5\$00. Mais Porto assinante 17.164 e 29.776, 40\$00. Metade do Dr. Agostinho Moutinho, «pela alma de meus pais». Ao longe nada mais se avista. Paramos aqui. E até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes